

PÁGINA 12: Morrem mais dois idosos na Casa do Terror, no Rio. / PÁGINA 14: Pessoas que sofrem de compulsão sexual já tem a quem recorrer. / PÁGINA 16: Extração ilegal de madeira no Pará é forma de conquistar terras. / PÁGINA 17: Incra é responsável pelo alto custo da reforma agrária. / PÁGINA 18: Termina em pancadaria reunião da executiva estadual do PMDB no Rio.

# BRASIL

## UM PAÍS DOENTE PELO DESCASO

Ministério da Saúde vai repassar ao órgão que combate epidemias apenas um quinto dos R\$ 10 bilhões destinados aos hospitais

André Campos e  
 Fernanda Melazo  
 Da Equipe do Correio

Cascardo, uma das coordenadoras do Programa de Controle de Leptospirose.

Apesar do ministro Adib Jatene ter dito, semana passada, que nunca se fez tanto pela saúde quanto na gestão dele, o Brasil sadio continua sem conhecer o Brasil doente, que não pára de crescer. Prova disso é que a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) permanece sem saber ao certo quantas pessoas contraem doenças infecciosas no país. Embora precárias, as estatísticas também sugerem um quadro preocupante.

"Os tuberculosos estão aumentando, mas não dá para saber os números exatos. Falta dinheiro para coordenação e comando nacional, estadual e municipal", lamenta Ivanize de Holanda Cunha, técnica da Coordenação Nacional de Pneumologia Sanitária. A maioria dos técnicos da Funasa reconhece que as notificações de malária, leishmaniose, dengue e hanseníase, por exemplo, vêm crescendo a cada ano. E que as epidemias rodam, como um fantasma, as periferias das grandes cidades.

### VERGONHA

Nos corredores do sombrio prédio da Fundação Nacional de Saúde sente-se como o reaparecimento de doenças que já foram consideradas controladas envergonham os brasileiros perante ao mundo.

O assunto é tão sério quanto a intoxicação fatal de 52 pacientes numa clínica de hemodiálise em Caruaru (PE). Mas não tem, porém, uma "solução" tão simples quanto o genocídio, em dois meses, de 94 velhinhos da clínica carioca Santa Genoveva, que vai ser fechada.

"O caso é grave. No Mato Grosso do Sul tem rios com enchentes e todas as demais condições favoráveis para a transmissão de leptospirose. Mas as estatísticas do estado dizem que não houve um caso sequer da doença ano passado. Como é que não tem? Não tem é trabalho de notificação", reclama Elaine Ferraz

### REAPARECIMENTO

"Reapareceu o cólera, o dengue e aumentou a mortalidade por tuberculose devido a falta de tratamento. Chegamos ao ponto do Rio de Janeiro ser o campeão nacional de casos de tuberculose. Isso sem contar as doenças emergentes como a Aids, que já africanizou", avalia o deputado e médico sanitário Sérgio Arouca (PPS-RJ).

Para ele, a opinião pública ainda não percebe claramente o teor dramático da reaparecimento das doenças infecciosas no país, em parte, por falta de números que ajudem a retratar a realidade.

A Funasa, por exemplo, não detém nem o índices recentes de mortalidade causadas por essas doenças. Os últimos dados organizados num livro pela fundação são de 1991. O ministério da Saúde alega que problema está na ponta do levantamento, de responsabilidade da secretarias de Saúde estaduais. O resultado desse impasse é o atraso. Esta semana, a Fundação Nacional de Saúde publica enfim as estatísticas de 1992.

### ESTATÍSTICAS INVÁLIDAS

Até outubro, o presidente da fundação, Edmundo Juárez, promete colocar à disposição do público, inclusive pela Internet, os números de 93 a 95. "As dificuldades são imensas. Para começar, o Brasil é formado por três continentes, com realidades distintas: o norte, o nordeste e o sul", pondera o médico paulista.

Mas o esforço dirigido por Juárez — "amigo de Jatene desde 1943" — pode ser em vão. "Estima-se que existam mais de cem cemitérios clandestinos no Brasil. Apenas em Pernambuco, por exemplo, encontramos 37. E cerca de 50% a 60% dos óbitos não são registrados em cartório. Isso invalida de certa forma as análises estatísticas que fizemos até agora", explica Hélio de Oliveira, coordenador de Informação e Análises da Situação da Saúde da Funasa.

Paulo de Araújo



A hanseníase aumenta no estado do Pará: cerca de cem leproso vivem em estado de semi-confinamento na colônia João Paulo II, na cidade de Marituba

Para mostrar a dimensão do problema, Hélio lembra da tradição que existe, principalmente, no Nordeste de enterrar no quintal da casa os bebês com menos de um ano.

O Ministério da Saúde pretende repassar à Fundação Nacional de Saúde esse ano cerca de R\$ 2 bilhões, um quinto do montante de verbas destinadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), que vai receber quase R\$ 10 bilhões para distribuir entre os hospitais conveniados.

Das verbas da Funasa, R\$ 492,7 milhões serão gastas no controle de epidemias. E desse total, no entanto, R\$ 200 milhões ainda dependem da aprovação no Congresso do imposto para a saúde, o CPMF.

Enquanto o dinheiro não vem, resta reclamar: "Este ano estamos sem dinheiro. Os recursos para a tuberculose, hanseníase e zoonose (doenças transmitidas por animais peçonhentos) estão vinculados à aprova-

ção da CPMF", relata Ivanize. "No setor de Saúde, continuamos prisioneiros de uma tríade maldita: no Brasil gasta-se pouco, gasta-se mal e rouba-se muito", bate Arouca.

### AS DOENÇAS

Triste recorde. O Brasil ocupa o segundo lugar do mundo e o primeiro das Américas em número absoluto de portadores de hanseníase, vulgarmente conhecida como lepra. Em 1995 foram detectados 35.906 casos novos. Comparando com os resultados do ano anterior, notou-se uma aumento de 10%.

Os casos são tantos que ainda hoje existem colônias de leproso. A colônia de Marituba, no Pará, é uma cidade habitada apenas por portadores de hanseníase.

"Os países que controlaram essas doenças não investiram só em medicamento como faz o Brasil, mas também melhoraram a situação sócio-

econômica da população", analisa Conceição Magalhães, médica da Coordenação Nacional de Dermatologia Sanitária.

A tuberculose, por sua vez, é uma doença que costuma atacar as pessoas contaminadas pelo vírus do HIV. Por esta razão, ela está sendo considerada uma doença emergente no mundo todo. "Crescem os números de tuberculosos com Aids", diz Ivanize.

O problema, no entanto, é saber quantos são os doentes. Ivanize explica que os números da Funasa não mostram a realidade. "Há tempos que a secretaria de saúde do Rio de Janeiro não manda os casos notificados. E nós estimamos que lá existem 15 mil casos novos só neste ano", afirma.

Ivanize reclama da falta de estrutura das secretarias de saúde dos estados. "Não é o doente que abandona o tratamento. É o tratamento que

abandona o doente", critica.

A febre amarela também não é doença do passado no Brasil. Em 1995, superando as imensas dificuldades de diagnóstico, quatro casos foram notificados na região amazônica. Dois deles fatais. E só no primeiro trimestre deste ano, sete pessoas contraíram a febre amarela. Todas morreram.

Um técnico da Funasa — que pediu para não ser identificado — revelou que a fundação investiga atualmente um pequeno surto de febre amarela a 22 quilômetros de Manaus, onde nove pessoas teriam sido infectados pelo Aedes Aegyptis, mosquito que transmite também a dengue, outra doença em alta. Segundo a mesma fonte, os novos casos não se tornaram públicos para evitar que a população local entre em pânico. Os mesmo estaria acontecendo em Vitória (ES), com a coqueluche, e em Fortaleza (CE), com a difteria.

OS NÚMEROS				
	1993	1994	1995	1996*
Leishmaniose	21.439	32.526	34.041	4.092
Malária	—	551.108	564.547	103.096
Lepra	32.401	32.785	35.906	—
Dengue	7.086	56.621	124.887	58.118
Cólera	60.340	51.324	4.984	381
Esquistossomose	274.084	282.263	284.653	—
Tuberculose	63.818	75.759	49.748	—
Febre Amarela	66	18	4	7
Leptospirose	1.780	2.894	3.296	1.832

Trato-se de casos notificados. A Fundação Nacional de Saúde, reconhece que, em geral, os números estão muito aquém da realidade.

\* Primeiro trimestre.

Fonte: Fundação Nacional de Saúde

## Novas doenças surgem na Amazônia

Alexandre Machado  
 Enviado especial

Belém — A Amazônia brasileira possui mais de 90% dos casos de malária do país. Estão no Brasil, por sua vez, praticamente a metade dos casos de malária do continente americano.

O levantamento elaborado pela Divisão de Epidemiologia da Fundação Nacional de Saúde, no Pará, mostra o quanto a região é propícia para o crescimento de endemias.

Entretanto, na região estão instalados algumas dos mais importantes estudos sobre doenças tropicais. Os pesquisadores já conseguiram identificar na floresta mais de cem organismos desconhecidos para o homem. Um dos trabalhos mais significati-

vos diz respeito à febre negra de Lá-brea, um tipo raro de hepatite que mata em pouco mais de cinco dias.

A doença, detectada pela primeira vez no município de Lá-brea, na região do Rio Purus, é conhecida como febre negra porque o doente vomita sangue coagulado, em tons escuros.

A maior parte das pesquisas desenvolvidas na região é feita pelo Instituto Evandro Chagas (IEC), um órgão que subsidia a Organização Mundial de Saúde para estudos sobre endemias na Amazônia.

Grças ao trabalho do instituto, em 1982, foi descoberta a associação do vírus da hepatite tipo B ao vírus "Delta", responsável pela alta mortalidade provocada pela Lá-brea.

A partir dessas descobertas, houve

uma intensa campanha de vacinação no município de Boca do Acre, onde, devido ao grande número de casos, são desenvolvidos os estudos sobre a endemia.

A leishmaniose é uma das doenças que está entre as prioridades da Fundação Nacional de Saúde na região norte. Segundo levantamentos, de 1993 até 1995, o número de casos praticamente triplicou.

Se em 1993, o registro de casos na região ficava em 2 mil 543, em 1995 as ocorrências chegaram a 6 mil 301, só no estado do Pará.

"Estamos na fase de experimentações de uma vacina contra a leishmaniose", antecipa o coordenador de estudos sobre leishmania do IEC, Fernando Tobias.

O instituto Evandro Chagas possibilitou também a descrição de organismos totalmente desconhecidos em qualquer parte do mundo.

A Unidade Científica de Arbovírus (Arthropod Born Virus — ou Vírus Nascidos de Artrópodes) conseguiu isolar, desde 1954, 157 vírus pela primeira vez no país.

Desses, 87 foram reconhecidos como tipos novos para a ciência. O importante é que pelo menos 34 deles são capazes de infectar seres humanos.

Quatro tipos de arbovírus são acompanhados com cautela pelos pesquisadores. Dois deles, a Febre Amarela e o Dengue, são conhecidos como vírus reemergentes. Os outros dois, o Oropouche e o Mayaro, são considerados emergentes.

## Dengue avança no país

Não há registro de casos da febre amarela urbana — transmitida pelo mosquito Aedes aegypti —, a mais conhecida das arbovírus, desde 1942. Os casos, esporádicos, ocorrem na forma silvestre — transmitida pelo Aedes hennegouvi. Para acompanhar a erradicação da doença, o instituto Evandro Chagas mantém posto de vigilância em 2/3 do território nacional.

O Mayaro, detectado nos municípios de Peixes (Tocantins) e Benevides (Pará), é muito parecido com o arbovírus da Febre Amarela. O seu quadro clínico apresenta febre muito alta e artralgias (dores nas articulações).

No entanto, são o Oropouche e a Dengue que preocupam mais os estudiosos devido ao aumento no

número de casos registrados.

A dengue, porque no primeiro levantamento feito em Boa Vista, em 1982, foi detectada em 20% da população, o equivalente a 11 mil pessoas. E, ainda, com os surtos nos estados do Rio de Janeiro, Tocantins e Ceará, os pesquisadores intensificaram seus estudos sobre essa endemia.

O Oropouche, por sua vez, é o arbovírus mais isolado a partir de seres humanos. A sua principal forma de contágio está associada ao contato com animais como a preguiça, macacos e algumas espécies de pássaros.

Na Amazônia, entre 1961 e 1994, nada menos do que 500 mil pessoas tornaram-se portadores do Oropouche, segundo estatísticas do IEC. (AM)